

## AS QUESTÕES ÉTNICAS NOS BALCÃS DO PRÉ-PRIMEIRA GUERRA

Luís Alves Tsolakis

**Resumo:** Pretende-se tratar neste artigo o tema da crise dos Balcãs no pré-Primeira Grande Guerra, em específico aqueles decorrentes das questões étnicas e motivadas pelos nacionalismos. Crises estas que, começaram a ocorrer na segunda metade do século XIX, mas cujas raízes remontam ao afloramento das experiências nacionais. Também serão relatados eventos envolvendo a região e que exerceram alguma forma de impacto nesta, mas que não necessariamente ocorreram nos Balcãs. Este artigo será grandemente pautado em discussões teóricas sobre temas como etnia, nacionalismo e formação dos Estados Nacionais modernos. Tal artigo tem como pretensão elucidar as participações dos povos balcânicos nos eventos que culminaram na Primeira Guerra Mundial, bem como tentar entender os conflitos étnicos desta região em um processo de longa duração.

**Palavras-chave:** Balcãs, etnias, Estado, povos, independência.

A região dos Balcãs, desde meados do século XIX, recebeu a alcunha no Ocidente de “barril de pólvora da Europa”. Essa adjetivação, não muito longe da realidade, não surgiu sem motivo: do período que marca a decadência do Império Turco-Otomano até o início da Primeira Guerra Mundial essa região e os povos que a habitavam ganhariam destaque mundial como os mais conflituosos de sua época.

A península dos Balcãs é uma região montanhosa – o que dá nome a região, pois o no Balcãs vem do turco *balkan*, que significa montanha – na parte sudeste da Europa, situada ao sul do rio Danúbio, a oeste do estreito de Bósforo e cercada por três mares.

Atualmente a região é composta por onze países, sendo estes: Albânia, Bósnia Herzegovina, Bulgária, Croácia, FYROM<sup>1</sup>, Eslovênia, Grécia, Montenegro, Romênia Sérvia e Turquia. Cercada por controvérsias, habita por diversas etnias e que desde o século XIX é famosa pelos conflitos que de tempos em tempos estouram na região.

---

<sup>1</sup>Neste artigo, será tratado como FYROM – Former Yugoslav Republic of Macedonia – o país Macedônia, a fim de serem evitadas possíveis confusões com a região da Macedônia ou a Macedônia histórica de Alexandre o Grande.

Uma questão que marcou em peso a forma como se desenvolveu a mentalidade dos povos que ali habitam é a forma como a Europa se distingue da Ásia: como não existem fronteiras naturais, utiliza-se o critério cultural ao invés do geográfico. Não é surpresa que os critérios propostos para tal divisam sejam arbitrários e mais excludentes do que inclusivos. Aí vale observarmos a situação do Leste Europeu: os centros culturais da Europa Ocidental sempre apresentaram certa dificuldade em reconhecer as nações balcânicas como parte da Europa, já que na região prevaleceu por mais de quatro séculos um adversário exótico e “maometano” (ALVES: 2014) que eram os otomanos. Esses quatrocentos anos sob influência turca contribuiu para a imagem dos Balcãs como algo não-europeu, como um pedaço do oriente instalado à oeste de Constantinopla. E, mesmo quando as potências ocidentais começaram a reconhecer os Balcãs como parte da Europa, elas o fizeram com certa resiliência.

É possível afirmar que esta condição de semi-europeus foi introjetada pelos próprios povos da região, pois quando estes conseguiram formar seus Estados independentes afirmavam que agora pegariam o “comboio para ir à Europa” (ALVES: 2014).

É certo que quando nos referimos aos povos que habitam essa região estamos falando de culturas extremamente heterogêneas. Fenômeno causado pela quantidade de povos que dominou a região no último milênio e pela geografia da região que acabou isolando várias populações.

Por exemplo: os eslovenos, dálmatas e croatas habitam cidades com arquitetura ocidental, são em sua maioria católicos e têm hábitos ditos “europeus”, dado o tempo que passaram sob o domínio de Veneza e Viena. Quanto aos sérvios, montenegrinos, romenos, búlgaros e gregos, a eles era atribuída à imagem de uma gente da montanha, rústica, que não se adequa bem à vida urbana, ortodoxos com hábitos “turcos” – dado os quase 500 anos de domínio Otomano sobre a região.

Tendo em mente esses contrastes, deve-se imaginar uma região que no século XIX estava borbulhando com as ideias nacionalistas. Numa faixa de atrito entre dois impérios multiétnicos, povos que não constituíam Estados próprios desde a Idade Média, lutavam para conquistar sua soberania muitas vezes com uma população que não chegava a um décimo da de suas metrópoles. Ainda assim, esses novos Estados formados após 1800 foram capazes de arrastar as potências para o maior conflito armado até então: a Primeira Grande Guerra.

## **Francisco Ferdinando e 1914**

Em 28 de junho de 1914, foi assassinado na cidade de Sarajevo (atual capital da Bósnia e Herzegovina) o Arquiduque Francisco Ferdinando – então sucessor ao trono do Império Austro-Húngaro – pelo jovem nacionalista sérvio Gavrilo Princip, membro de uma sociedade secreta chamada Mão Negra (MOTTA: 2014). Este evento não teria sido nada mais que uma crise local, se não tivesse desencadeado a Primeira Guerra Mundial.

Porém, seria mais que precipitado admitir que uma guerra tão violenta tenha sido fruto deste evento, sendo mais correto colocar o assassinato de Francisco Ferdinando como a gota d'água que fez o copo transbordar; a faísca que ligou a máquina bélica que era a Europa de 1914, girando as engrenagens que eram os blocos de nações, colocando assim a Tríplice Aliança contra a Tríplice Entente.

Ao mesmo tempo, esse fenômeno nos mostra como os Balcãs, uma região que era extremamente conturbada (e que guarda resquícios até hoje), conseguiu carregar as maiores potências do século XX para uma guerra que se tornou marco na História ocidental.

Por isso, entender o assassinato do Arquiduque apenas como fruto de um nacionalismo sérvio irracional seria um equívoco. Para tanto, é necessário entender o contexto dos Balcãs naquele momento. Nesse sentido, a morte de Francisco Ferdinando, antes de ser o início da IGM, foi resultado da situação em que a região, como um todo, se encontrava.

## **As Guerras Balcânicas**

Também chamadas de “O ensaio da I Guerra Mundial” (NWE: 2012), as Guerras Balcânicas foram dois conflitos armados que eclodiram na região dos Balcãs respectivamente em 1912 e 1913. Essas guerras locais – em especial a segunda – serviram para definir os lados da guerra que estava por vir, transformar a Sérvia num Estado satélite da Rússia e consolidar a imagem da região como o barril de pólvora da Europa.

Pode-se dizer que a II Guerra dos Balcãs foi uma continuação da Primeira. Motivada pelas desavenças causadas pela divisão dos espólios de guerra obtidos no primeiro conflito, essa guerra envolveu os reinos da Sérvia e da Grécia contra a Bulgária, além da Turquia e da Romênia que se juntaram posteriormente ao conflito.

Pautado principalmente no argumento de que a Bulgária havia recebido menos terras do que merecia, o Czar Fernando I da Bulgária declarou guerra à Sérvia e à Grécia em 1913,

sem o consenso do parlamento. Mal sabia o Czar que em junho do mesmo ano esses dois países haviam assinado em tratado de defesa mútua em cooperação em caso de ataque<sup>2</sup>, devido ao estado de alerta em que a região se encontrava por causa das reivindicações que a Bulgária vinha fazendo desde o final do conflito de 1912. Em pouco tempo, as forças combinadas dos estados aliados conseguiram conter o exército búlgaro e partir para um contra-ataque.

Enxergando a ameaça representada pela Turquia e a Romênia, o governo búlgaro assinou o tratado de cessar fogo proposto pelos gregos. Não tardou para que a Romênia e a Turquia, vendo que as forças búlgaras haviam sido superadas pelos aliados, decidissem entrar no conflito. Os turcos conseguiram retomar a cidade de Adrianópolis e a região da Trácia Oriental – regiões perdidas na I Guerra dos Balcãs – enquanto o exército romeno avançou, sem muita resistência, até chegar a trinta quilômetros de Sófia, quando foi acordado um cessar fogo.

Já a I Guerra dos Balcãs, foi fruto de uma Turquia enfraquecida (o governo estava desestabilizado desde os acontecimentos de 1908, e agora o exército turco também se encontrava fraco e desmoralizado com a derrota para a Itália na guerra ítalo-turca de meados de 1912), e da diplomacia dos governos aliados. Com auxílio da diplomacia russa foram arranjados vários tratados entre os governos da Sérvia e da Bulgária, ainda em março do mesmo ano.

Devido à ineficácia e da precariedade das ferrovias turcas, ficava óbvio que os reforços militares turcos deveriam vir pelo mar Egeu. A Grécia era a única nação dos Balcãs com uma marinha forte o suficiente para impedir esses reforços e, por isso, em maio do mesmo ano foi assinado um tratado de cooperação entre a Grécia e a Bulgária. Ao contrário dos tratados assinados entre a Sérvia e Bulgária, que dispunham sobre a divisão dos territórios da Macedônia, nada ficou acordado com a Grécia – o que mais tarde viria a causar conflitos.

Em outubro de 1912, foi iniciado um conflito armado e as nações dos Balcãs envolvidas, Sérvia, Montenegro, Bulgária e Grécia, ficaram conhecidas como Liga Balcânica.

As potências ocidentais não viam a formação de uma Liga Balcânica unificada com bons olhos, pois acreditavam que poderia ameaçar seus interesses e jogar a região na zona de influência russa. Os russos almejavam acesso às “águas quentes” do Mediterrâneo e para isso adotaram a política externa do pan-eslavismo, apoiando a Sérvia e a Bulgária. A Grã-Bretanha desejava que a Rússia não conseguisse esse acesso ao Mediterrâneo, e para isso apoiava a

---

<sup>2</sup>O tratado também abrangia possíveis ataques de nações como o Império Austro-Húngaro e a Turquia, não tratando exclusivamente de um possível ataque búlgaro.

integridade do Império Turco Otomano, ao mesmo tempo em que também apoiava a expansão territorial da Grécia, como uma espécie de plano B caso a manutenção do Império Otomano não fosse mais possível. Já o Império Austro Húngaro desejava a não dissolução do Império Turco Otomano, visto que ambos eram Estados multiétnicos e o colapso de um podia rapidamente afetar o outro. O fortalecimento da Sérvia na região também afetaria a dinastia Habsburgo, devido à grande população servo-croata existente dentro de seu império.

Contudo, não havia plano de cooperação militar formal entre os membros da Liga Balcânica (exceto entre os exércitos da Sérvia e de Montenegro que conseguiam manter certa cooperação, ainda que reduzida) o que fazia a guerra mais parecer quatro exércitos aleatórios contra um inimigo comum, do que quatro exércitos aliados.

A marinha grega conseguiu impedir que os reforços otomanos viessem de seus domínios no Oriente Médio e rapidamente libertou as ilhas do Egeu (que em sua maioria eram habitadas por populações gregas) sob domínio Otomano. O exército grego avançou pela Macedônia e após a libertação de Tessalônica continuou avançando rumo ao norte até se encontrar com o exército sérvio. Outra frente grega seguiu rumo ao norte, libertando as populações gregas da região de Épiro, chegando a invadir a região sul da Albânia – essa região foi devolvida à Albânia no final do conflito, contudo nada foi feito a respeito da população local que é etnicamente grega.

As forças da Bulgária avançaram pela Trácia Oriental – região habitada por búlgaros, gregos e turcos – chegando próximo à Constantinopla. O exército sérvio avançou rumo ao sul até se encontrar com o exército grego na Macedônia e mudar seu curso para oeste, na direção do Mar Adriático.

A guerra chegou ao fim com o tratado de Londres em 17 de maio de 1913. A Turquia perdeu todos seus territórios no continente europeu, salvo a cidade de Constantinopla. E enfrentar um inimigo comum provou não ter sido suficiente para pôr fim às rivalidades entre as nações balcânicas.

Após a Primeira Guerra dos Balcãs, litígios surgiram a respeito das fronteiras, muito por causa das fronteiras serem mais abstratas do que reais e relativas à perspectiva de quem falava. Isso se dava ao fato do conceito de nação uma nação para um povo – o conceito wilsoniano de nação, como ficou conhecido mais tarde – ainda era algo novo e a ideia de dividir os povos pelo idioma mais ainda. Como Hobsbawm bem coloca: “Estamos, hoje em dia, tão habituados à definição étnico-linguística das nações que olvidamos que essencialmente ela foi inventada em fins do século XIX.” (2005: 208).

Esse fenômeno ficou evidente na região da Macedônia, especialmente a respeito de Tessalônica – o maior e mais estratégico porto da região na época e uma cidade multiétnica que abrigava gregos, búlgaros, turcos e, inclusive, uma população considerável de judeus (citação Mazower?). Quando o exército grego entrou na cidade de Tessalônica, em 26 de outubro de 1912, ele precedeu por apenas um dia o exército búlgaro. A cidade foi ocupada por dois exércitos por um breve período, o que causou preocupação entre a maioria da população, que era grega, de que os búlgaros viessem a ocupar a cidade. A situação permaneceu até que foi assinado um tratado mútuo entre dois governos, fazendo com que o exército búlgaro deixasse a cidade. Contudo, a decisão não agradou o Czar Fernando I da Bulgária, que não ficou satisfeito com os territórios controlados pelos búlgaros.

### **Anexação da Bósnia e a ideia de uma “Iugoslávia”**

Outra consequência do enfraquecimento turco, causado pelos eventos de 1908 foi a anexação formal da região da Bósnia pelo Império Austro Húngaro – que já a administrava desde 1878. A região era habitada por, aproximadamente, 975.000 sérvios, e sua anexação pelo Império Habsburgo fez crescer um sentimento anti-Habsburgo na população sérvia da região, o que deu força a vários grupos nacionalistas, agravando ainda mais os conflitos já existentes com a Sérvia. A anexação da região também frustrou – ainda que temporariamente – a consolidação de uma nação pluri-eslava na parte ocidental dos Balcãs como idealizado por alguns.

Essa ideia de construção de uma nação única que amparasse todos os povos eslavos do sul, a “Iugoslávia” (que, diga-se de passagem, excluía os búlgaros), foi proposta pela primeira vez por pensadores croatas avessos à dominação húngara (ALVES: 2014). Esse antagonismo de croatas sob o domínio do Império Austro Húngaro era fundamentalmente de classe, visto que os nobres croatas conseguiam um status semelhante ao da nobreza húngara.

O conceito de uma “Iugoslávia” como esboçado pelos croatas foi fortemente abraçado pelo nacionalismo sérvio, pois o expansionismo sempre esteve arraigado à ideia de uma Grande Sérvia, representante legítima dos povos de toda a região. Essa ideia se fortaleceu após algumas empreitadas militares, e com o incentivo diplomático e ideológico por parte do Império Russo, que desejava a desestabilização dos impérios locais.

Com a vitória aliada ao final da I G.M. e com o esfacelamento dos impérios inimigos, essa ideia viria a ser posta em prática com a proclamação do Reino dos Sérvios, Croatas e

Eslovenos em 1918 pelo Príncipe Regente Aleksandar da Sérvia, que ficaria conhecido como Reino da Iugoslávia.

Outra consequência desse acontecimento foi a tensão causada entre o Império Austro Húngaro e o Império da Rússia, potência mentora das novas nações eslavas da região e patrocinadora-mor do pan-eslavismo. Essa tensão só seria amenizada, ou melhor, postergada, após a Alemanha anunciar que apoiaria militarmente a o Império Habsburgo, caso necessário.

## **1908 na Turquia**

Apesar das nações balcânicas, em sua maioria, terem conquistado suas independências ainda no final do século XIX, o Império Turco Otomano continuava a ter uma certa importância na região como Estado tri-continental e mais ainda como ameaça às recém-formadas nações balcânicas. Como coloca Hobsbawm:

Desde o fim do século XVII, suas fronteiras setentrionais vinham sendo forçadas a retroceder para dentro da península balcânica e da transcaucásia pelo avanço dos Impérios Russo e Habsburgo. Os povos cristãos dos Balcãs estavam cada vez mais inquietos e, com o incentivo e a ajuda de grandes nações rivais, já haviam transformado boa parte dos Balcãs numa série de estados mais ou menos independentes (HOBSBAWM, 2005: 392, 393).

Fica evidente o encolhimento das áreas de domínio otomanas ao observarmos os territórios conquistados pela Sérvia na guerra russo-turca de 1878, pela Grécia que, independente desde 1829, conseguiu conquistar a Tessália em 1881 e a Bulgária, que era um principado autônomo desde 1878, foi capaz de incorporar ao seu território a província da Rumélia Oriental em 1885.

Foi em 1908, sob o domínio do Sultão Abdul Hamid II que aconteceu a Revolução dos Jovens Turcos (HOBSBAWM: 2005). Pautando-se na revogação da decisão do Sultão de dissolver o parlamento, este evento foi capaz de derrubar o próprio Sultão Hamid II, pondo fim à monarquia otomana, e instaurando um novo governo.

Com o novo governo estabelecido ainda em 1908, a Turquia entrou em um processo de ocidentalização e modernização. Inspirando-se no modelo prussiano de Estado – um dos elementos que, mais tarde, iria garantir seu alinhamento com a Alemanha na I G.M. – o Estado turco tornou-se militar-ditatorial, pautado em um nacionalismo exclusivamente turco. O que implicou em uma assimilação forçada dos povos não turcos, quando não na troca de populações ou extermínio dessas<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup>É importante ressaltar a não existência de uma boa relação desempenhada entre o Estado turco e os povos subjugados mesmo antes de 1908, vide as violências que catalisaram as independências dos estados balcânicos, a

Esse novo Estado foi justificado pela existência de uma população étnica-linguisticamente turca e majoritariamente mulçumana concentrada na região da Anatólia, legitimando a formação de um estado-nação turco ao modelo europeu do século XIX.

Além do enfraquecimento bélico ocasionado pela desestabilização do Estado turco e da anexação formal da província da Bósnia pelo Império Austro Húngaro, outras consequências do evento de 1908 foram a Bulgária se declarar um reino independente e a população grega de Creta proclamar sua unificação com o Reino da Grécia.

### **Os novos Estados dos Balcãs**

Em 1829 a Grécia tornou-se um reino independente. A primeira de novas nações que viriam a pipocar na região ao longo do século XIX. Logo mais, com a guerra russo-turca, a Sérvia e a Romênia se tornaram países independentes e a Bulgária adquiriu o status de principado (que na prática era uma região fora do controle otomano, por mais que ainda não tivesse obtido a condição de Estado independente). Essa multiplicação de nações marcaria uma nova era de vários conflitos regionais em sequência, que mais tarde arrastaria as maiores potências europeias para esses conflitos, ocasionando na Primeira Guerra Mundial, maior guerra que a humanidade já havia visto, até aquele momento.

Apesar da impressão transmitida nos livros de história, não foi no dia 21 de março de 1829 que o Reino da Grécia brotou no extremo sul da península balcânica, por exemplo. Apesar dos Estados terem sua data de nascimento, as nações são fruto de um processo de construção que, em sua maioria, precedem a formação dos Estados.

Essa construção se dá em vários campos, contudo será dada ênfase neste artigo ao campo ideológico. O campo ideológico terá essa atenção especial devido ao papel que desempenhou tanto no fomento de ideias nacionalistas que provocariam as independências dos países balcânicos, quanto no pós-independência dessas nações onde ajudou na propagação de um sentimento nacional.

Ao passo que esses povos da região foram conquistando sua autonomia eles foram notando a necessidade de serem criados aparatos que consolidassem sua hegemonia local. O primeiro dele foi o idioma oficial.

---

repressão sofrida pelos movimentos de independência e de outros movimentos nacionais que resultaram em eventos como o Genocídio Armênio, Assírio e Grego Pôntico.

As novas línguas nacionais, mais teóricas do que práticas, não eram nada mais que compilações, padronizações, homogeneizações e modernizações extraídas de diversos dialetos locais. Uma tentativa de recriar os vernáculos do passado. Nesse sentido, as línguas medievais que conseguiram sobreviver subterraneamente aos séculos de domínio otomano e Habsburgo, facilitaram em muito a formulação das línguas moderna desses novos Estados.

Esses novos idiomas eram transmitidos aos novos cidadãos/súditos nas escolas, que, além de ajudar a padronizar a língua, ensinando os novos idiomas oficiais, mais do que qualquer outro lugar, foi um terreno fértil para a transmissão da ideia de um sentimento nacional que os novos Estados queriam passar às crianças, numa tentativa de ensiná-las a serem bons súditos/cidadãos. Esse papel fica evidente quando observamos o aumento no número de escolas nos Balcãs pós-independência: “nos Balcãs, terra de analfabetos, quadruplicou o número de crianças em escolas primárias e o número de professores triplicou” (HOBSBAWN, 2005: 214).

Além das escolas, as artes também contribuíram bastante. Desde a confecção de bandeiras até a criação de hinos nacionais, marchas militares, e cantigas muito comuns entre os guerrilheiros das montanhas da região.

Outro aspecto que desempenhou um papel importantíssimo nesse contexto foi a religião. Formadora de consenso entre os cidadãos das novas nações, o cristianismo ortodoxo, que conseguiu permanecer vivo durante e após o domínio otomano, desempenhou um papel muito importante nos movimentos de independência dos novos países balcânicos: desde fortalecer o espírito de comunidade entre os grupos étnicos minoritários, auxiliar moralmente e fisicamente nas lutas, até contribuir na construção de uma imagem de antagonismo entre os dominadores locais e os dominados ortodoxos. Nesse contexto de construção de uma alteridade, pode-se afirmar que “tal como a Europa construiu sua imagem de civilização cristã em oposição ao islã árabe no período das cruzadas, as novas nações dos Balcãs construíram sua imagem como etnias ortodoxas em oposição ao islã otomano.” (ALVES: 2014)

A questão do território se mostraria algo extremamente complexo. Foi um fenômeno generalizado nos Balcãs, a ideia inicial de tentativa de reprodução dos territórios de reinos medievais equivalentes à essas novas nações: os gregos se pautaram nos Império Bizantino, os búlgaros no Império Búlgaro, os sérvios na Grande Sérvia e os romenos na unificação dos três reinos romenos da região para remontar o Grande Reino da Dácia: Transilvânia, Valáquia

e Moldávia. Algo bem evidente no simbolismo desse primeiro momento de independência, basta olhar os cartazes gregos da década de 30, por exemplo.

Contudo, aos poucos, essa ideia foi perdendo poder e, baseadas no conceito de nação do século XIX, esses novos Estados mudaram seu foco para um território que abrigasse todos os homens e mulheres pertencentes aquela etnia. Essa abordagem deixava a questão das fronteiras desses novos países um pouco mais difíceis, devido ao fato de que antes, especialmente sob o domínio otomano, essas populações não habitam regiões delimitadas, e a convivência de várias etnias em algumas regiões era algo real - o que muitas vezes ocasionava numa mescla de povos, dando origem a novas etnias, como no caso macedônio.

## **Bibliografia**

ALVES, José A. Lindgren. “Os Novos Bálcãs”. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2014.

HOBBSAWM, Eric J.. “Etnia e nacionalismo na Europa de hoje”. In: BALAKRISHNAN, Gopal (Org.). “Um mapa da questão nacional”. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

HOBBSAWM, Eric J.. “A Era dos Impérios: 1875-1914”. 9ª ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2005.

HROCH, Miroslav. “Do movimento nacional à nação plenamente formada: o processo de construção nacional na Europa”. In: BALAKRISHNAN, Gopal (Org.). “Um mapa da questão nacional”. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

MOTTA, Márcia Maria Menendes. “A Primeira Grande Guerra” In: REIS FILHO, Daniel Aarão. “O Século XX, vol. 1”. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

New World Encyclopedia Contributors, "Balkan Wars". 2012. Disponível em: <[http://www.newworldencyclopedia.org/entry/Balkan\\_Wars](http://www.newworldencyclopedia.org/entry/Balkan_Wars)> Acesso em: 15 out. 2015.